

base no exposto, concluímos pela necessidade de ampliar as discussões sobre o tema, com inclusão desta pauta entre os conteúdos abordados nos cursos, possibilitando a formação acadêmica adequada aos futuros profissionais de saúde e professores, os quais lidarão cotidianamente com pessoas com DF que precisam de atenção, cuidados plenos e de uma equipe multiprofissional, principalmente em uma região de prevalência elevada, como o estado da Bahia.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1838>

ANEMIA HEMOLÍTICA AUTOIMUNE COMO MANIFESTAÇÃO CONCOMITANTE À TIREOIDITE DE HASHIMOTO: UM RELATO DE CASO

LMLS Silva, IM Vicópulos, LR Lanna, RG Figueiredo, PGM Mais, PC Gontijo

Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais (FCM-MG), Belo Horizonte, MG, Brasil

Introdução: A tireoidite de Hashimoto é uma doença autoimune em que ocorre destruição do parênquima tireoidiano por meio de processos imunomediados, gerando hipotireoidismo. Sua incidência é 10 a 15 vezes maior em mulheres do que em homens. Tal fato, aliado à maior susceptibilidade da população feminina a doenças autoimunes, revela a possibilidade da associação da tireoidite de Hashimoto a outras manifestações de natureza autoimune, como a anemia hemolítica autoimune, caracterizada pela ação de anticorpos contra hemácias. Na literatura atual, constam poucos relatos da associação de ambas as doenças, o que justifica a importância do presente estudo. **Objetivo:** Relatar um caso de hemólise causado por tireoidite de Hashimoto em paciente de 35 anos previamente hígida. **Método:** A pesquisa foi realizada com base em dados fornecidos pela participante da pesquisa, bem como revisões em exames e laudos disponibilizados pela paciente. O contato com a participante foi realizado após a alta. **Relato de caso:** Mulher, 35 anos, com diagnóstico de tireoidite de Hashimoto, em tratamento com uso de Puran 50mg, queixou-se de astenia associada a queda de cabelo, dispnéia aos grandes esforços e fadiga há 1 ano. Procurou atendimento médico após dispnéia enquanto limpava a casa associada a icterícia e mucosas hipocoradas. Durante o atendimento médico foi realizado exames de sangue que constatarem anemia, porém recebeu alta com recomendação de hidratação. No mesmo dia a paciente foi atendida em outro hospital, devido a persistência dos sintomas, quando foi internada em decorrência de valores de hemoglobina de 2.8 g/dL e anticorpos Anti-TPO de 1300 UI/mL ao exame de sangue. Durante a internação foi tratada com transfusão sanguínea e pulsoterapia. Após a alta, faz o tratamento com uso de Puran 50mg, Prednisolona 20 mg 3x ao dia e Ácido fólico 5mg e com 15 dias de alta, valores de hemoglobina atingiram 12 g/dL. **Discussão:** Na literatura, é possível evidenciar a associação da tireoidite de Hashimoto com outras manifestações ou doenças autoimunes. Apesar de rara, a anemia hemolítica autoimune é uma possível manifestação. O presente caso é um exemplo desse fenômeno, já que a paciente apresenta um quadro

clássico de tireoidite de hashimoto e durante o tratamento apresentou uma variável de doença autoimune com a manifestação da anemia hemolítica sem qualquer fator desencadeante. **Conclusão:** Em suma, a documentação de casos em que há associação da tireoidite de Hashimoto com a anemia hemolítica autoimune é capaz de orientar profissionais da saúde a prever a possibilidade de quadros de hemólise durante o tratamento da doença tireoidiana. Assim, o tratamento do paciente pode ser otimizado, como foi feito no caso relatado, e complicações são possivelmente evitadas.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1839>

PREVALÊNCIA DE LINFOMAS DE HODGKIN E LINFOMAS NÃO HODGKIN EM PACIENTES DE HOSPITAL ONCOLÓGICO DE REFERÊNCIA NA PARAÍBA DE 2019 A 2023 DE ACORDO COM ETNIA

YGS Medeiros^a, GGD Nóbrega^a, JFM Viana^a, LGL Leite^a, MAOM Teixeira^a, NMES Alves^a, EUG Barbosa^a, MBF Pimenta^b, FCF Pimenta^c

^a Faculdade de Medicina Nova Esperança (FAMENE), João Pessoa, PB, Brasil

^b Secretaria Municipal de Saúde de João Pessoa, João Pessoa, PB, Brasil

^c Hospital Napoleão Laureano, João Pessoa, PB, Brasil

Objetivos: Analisar a prevalência dos diagnósticos linfoma de Hodgkin e Não-Hodgkin com a variável etnia dos pacientes atendidos em hospital de referência oncológica da Paraíba, entre os anos de 2019 e 2023. **Material e métodos:** Trata-se de um estudo observacional, individual e transversal por meio de 251 prontuários de pacientes diagnosticados com Linfoma de Hodgkin e Não-Hodgkin com a comparação de variáveis independentes. As análises foram feitas a partir do teste Qui-quadrado de Aderência. **Resultados:** Observando os resultados, percebe-se uma prevalência de diagnósticos de Linfomas Não-Hodgkin sobre os Linfomas de Hodgkin, e de ambas as classificações de linfomas na etnia parda. Quanto aos diagnósticos de Linfoma não-Hodgkin, a etnia parda conta com 166 casos enquanto a etnia branca conta com apenas 37. Dos diagnósticos de Linfoma de Hodgkin, 40 casos foram contabilizados na etnia parda, cinco vezes mais que na etnia branca, que contava com 8 casos. **Discussão:** A neoplasias linfoides mais numerosas são aquelas classificadas como Linfomas não-Hodgkin. Logo, é compreensível que seus diagnósticos sejam mais numerosos quando comparados àqueles de Linfomas de Hodgkin, observando numericamente: dos 251 prontuários analisados, 203 correspondem aos Linfomas Não-Hodgkin. Outra observação a se fazer é a prevalência dos diagnósticos dos dois tipos de linfomas na etnia parda, muito provavelmente por ser a etnia mais comum no estado da Paraíba, onde foi realizado o estudo. A literatura indica que fatores como predisposição genética, condições socioeconômicas e acesso a serviços de saúde influenciam as taxas de incidência. Esses dados podem refletir tanto essas variáveis complexas, como as características demográficas da região.